

# Menina Ciência – Ciência Menina

## Menina: Perspectivas docentes sobre mulheres na Ciência

*Menina Ciência – Ciência Menina: Perspectivas de las profesoras sobre las mujeres en la Ciencia*

*Menina Ciência – Ciência Menina: Teachers' perspectives on women in Science*

[Ludmylla Ribeiro dos Santos](#) <sup>id</sup> [Débora de Cássia Gomes Cruz](#) <sup>id</sup> [Maria Inês Ribas Rodrigues](#) <sup>id</sup>

### Destaques

Ações sobre mulheres na Ciência são necessárias para que meninas aspirem carreiras científicas.

Formações sobre a participação feminina na Ciência com docentes do Ensino Básico podem contribuir para a equidade de gênero.

É necessário inserir mulheres cientistas na prática docente para que estudantes meninas possam sentir-se representadas.

### Resumo

O presente artigo aborda a sub-representação de mulheres na Ciência e a importância da formação docente para uma prática reflexiva que contribua com a igualdade no âmbito científico. Tem como *corpus* 24 relatos reflexivos de professores de Ciências Naturais atuantes nos Anos Finais do Ensino Fundamental em escolas das redes pública e privada de Educação Básica no Brasil. Esses sujeitos participaram on-line, em 2021, do Curso de Formação para professores Menina Ciência – Ciência Menina, realizado pela Universidade Federal do ABC, que versava discussões sobre mulheres cientistas no contexto escolar. O objetivo desta pesquisa é destacar as perspectivas desses sujeitos relacionadas à prática docente e à inserção de mulheres na Ciência. De caráter qualitativo, foram analisados, sob a ótica da Análise Textual Discursiva, 24 relatos reflexivos elaborados pelos cursistas. Os resultados apontam a importância dos processos formativos e da reflexão sobre a prática docente para o desenvolvimento do ensino de Ciências mais igualitário.

[Resumen](#) | [Abstract](#)

### Palavras-chave

Mulheres na Ciência. Formação de professores. Prática docente. Ensino de Ciências.

Recebido: 29.11.2023

Aceito: 16.10.2024

Publicado: 13.11.2024

DOI: <https://doi.org/10.26512/lc30202451733>

## Introdução

Ao estudar a História das Ciências, percebe-se que as mulheres “tiveram contributos importantes nas ciências naturais, física e matemática, seja como entusiastas, investigadoras ou apoiantes de familiares, mas foram afastadas e mesmo impedidas de entrar no ensino superior por anos” (Balbé et al., 2023, p. 14). Isso porque se deparavam com desvantagens no contexto científico, já que esse meio era visto como uma área exclusivamente masculina e “a mulher não era e nem podia ser tratada socialmente, como um homem, porque essencialmente, apresentava uma natureza reprodutora” (Sedeño, 2001, p. 31). Com isso, durante muito tempo, as mulheres ficaram restritas à esfera doméstica, para cuidar da casa e dos filhos (Tosi, 1998). Em contrapartida, aquelas que conseguiam seguir, direta ou indiretamente, no mundo da Ciência detinham certos privilégios por pertencerem a uma família com condições financeiras, ou por serem esposas, irmãs ou filhas de cientistas homens e ocupavam posições para auxiliá-los (Noordenbos, 2002).

De uma perspectiva atual, é possível notar avanços significativos no que tange à inserção e à participação das mulheres nos meios acadêmicos, científicos e tecnológicos (Sígolo et al., 2021; Pena & Quadros, 2023). Para Tatagiba e Custódio (2022), isso vem ocorrendo graças ao crescimento do “ativismo das pesquisadoras”, que acende os debates acerca da invisibilidade das mulheres na Ciência. Sabe-se que além dos fatores históricos, sociais e culturais, as mulheres sofrem com a falta de incentivo e sobrecarga, por terem que conciliar demandas acadêmicas e familiares. Logo, “quando o recorte da parentalidade é adicionado nessa equação, o cenário se torna ainda mais desafiador” (Tassini et al., 2023, p. 4), já que as mulheres que são mães precisam assumir diversas funções no cuidar dos filhos. No que se vincula a essa questão, em 2016, foi criado o movimento *Parent in Science*, formado por cientistas brasileiras, com o objetivo de levantar a discussão sobre a maternidade dentro do universo acadêmico e científico, para que esses ambientes possam tornar-se mais igualitários (Parent in Science, 2020). Assim, como resultados positivos, destaca-se,

[...] a mudança realizada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) na Plataforma Lattes (<https://lattes.cnpq.br/>), em 2021, a fim de permitir que as pós-graduandas e cientistas registrem seus períodos de licença-maternidade, e a *Lei nº 13.536/2017* que garante o direito ao afastamento por maternidade para bolsistas de pesquisa. (Tatagiba & Custódio, 2022, p. 2)

Outro exemplo que evidencia o crescimento das mulheres na Ciência é que, em 2022, elas representavam 54,2% dos discentes matriculados nos cursos de mestrado e doutorado no Brasil, e 58% dos bolsistas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) (Brasil, 2022). Apesar de as mulheres serem maioria na pós-graduação no Brasil, ao analisar o perfil dos docentes no Ensino Superior no país, é possível perceber que esse segmento é majoritariamente representado por homens (Ferreira et al., 2022). E quando nos

deparamos com as áreas de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemáticas (STEM, do inglês *Science, Technology, Engineering and Mathematics*), existe uma discrepância ainda maior, por serem áreas predominantemente masculinas (Tassini et al., 2023).

Mesmo com o aumento da presença feminina no contexto científico, ainda é comum observar a desigualdade de gênero em muitos espaços sociais, como na educação e no ensino de Ciências (Sígolo, et al., 2021). As escolas balizadas em uma educação tradicional, por exemplo, impõem distinções entre meninos/meninas, rapazes/moças, através de ações, atividades, formas de se comportar e “ditam regras baseadas em padrões estabelecidos pela ordem dominante” (Lins et al., 2016, p. 97). Nesses locais, os professores tendem a carregar, na prática docente, concepções enraizadas sobre como o gênero dos alunos influencia em seu processo de aprendizagem. Esse comportamento diante do processo de ensino e aprendizagem influencia na forma como os estudantes lidam com os conteúdos científicos (Sachs et al., 2021) e cria uma cultura de sobreposição do gênero masculino em relação ao feminino.

Desta maneira, a prática docente influencia na concepção dos estudantes no que diz respeito à Ciência e ao fazer científico, à visão de mundo e às perspectivas para o futuro. Consequentemente, pode interferir, futuramente, na escolha da carreira profissional, se vão seguir uma carreira científica ou não, além de contribuir com o seu protagonismo em sala de aula. Para Reeve (2009), é importante incentivar a autonomia dos estudantes para que possam ter uma noção de pertencimento, sentirem-se motivados e curiosos, manterem-se engajados, contribuindo para o seu desenvolvimento, assim como no processamento das informações discutidas em sala de aula. Essa autonomia funde-se ao protagonismo estudantil, definido como a capacidade do estudante de ser autor da construção do seu processo formativo

Dentro desse contexto, a formação de professores torna-se uma aliada do processo de ensino e aprendizagem ao possibilitar caminhos que devem ser seguidos para que a equidade de gênero possa ser uma realidade cada vez mais próxima nas escolas, na Ciência e na sociedade de uma forma geral. Além disso, permite que sejam discutidas em sala de aula questões de limitações das meninas no fazer científico (Leal et al., 2017). De acordo com Pena e Quadros (2023, p. 325), “representa um lócus no qual esse debate pode ser ampliado”. Ainda segundo as autoras, a ausência desse debate na formação docente contribui para o “silenciamento” das questões de gênero no âmbito social e científico. Para tanto, são necessárias discussões que promovam reflexões sobre a própria prática docente. Após esse processo reflexivo, deve-se buscar novos recursos e estratégias para mediar aulas que promovam homens e mulheres na mesma proporção, contribuindo, assim, para um ensino igualitário.

Diante de tal cenário, vários projetos estão sendo desenvolvidos por empresas, e especialmente por instituições de Ensino Superior brasileiras, com o objetivo de mostrar a importância das mulheres ao longo da História das Ciências (Vaz et al., 2021). Objetivam, principalmente, “levar conhecimentos das áreas científicas para

as jovens e divulgar o papel das mulheres nas ciências e tecnologia” (Sígolo et al., 2021, p. 7). Por isso, a maioria dos projetos é voltada para meninas que estudam na Educação Básica, para que as discussões possam amadurecer, possibilitando-lhes colaborar na reversão da disparidade de gênero que ainda existe na esfera científica.

Para se ter uma ideia da relevância desse tema, o *World Economic Forum* (WEF) elabora anualmente o *Global Gap Gender Report* (GGGR), que evidencia indicadores quantitativos, nos 153 países participantes, dentre eles o Brasil, sobre a equidade de gênero em quatro setores: Participação econômica e oportunidades; Realização educacional; Saúde e Sobrevivência; e Empoderamento Político. Além de apresentar um ranking entre os países, no qual o Brasil ocupa 94ª posição, este relatório aponta que se ações não forem colocadas em prática, nem em 132 anos acontecerá a equidade de gênero nestes quatro setores (WEF, 2022). Além disso, um dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU) aponta sobre a Igualdade de gênero, que visa “alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas”.

Nesta perspectiva, em 2019, foi criado o curso de extensão Menina Ciência – Ciência Menina (MCCM), realizado pela Universidade Federal do ABC (UFABC), campus localizado na cidade de Santo André, no Estado de São Paulo, direcionado para meninas matriculadas nos Anos Finais do Ensino Fundamental das redes pública e privada, com o intuito de destacar as principais contribuições de cientistas mulheres, as atividades que desenvolveram e ainda desenvolvem em diferentes áreas da Ciência e ampliar as perspectivas das cursistas. A primeira edição do curso aconteceu presencialmente nas dependências da UFABC, campus Santo André – SP. Durante quatro sábados, as meninas puderam assistir a palestras de renomadas cientistas mulheres e realizar experimentos nos laboratórios da universidade, e foi um momento ímpar, pois a maioria das estudantes teve o primeiro contato com uma universidade e toda sua estrutura (laboratórios, auditórios, salas de aula, biblioteca etc.)

Em 2020, em meio à pandemia do *Coronavírus Disease* 2019 (Covid-19), o curso foi totalmente transposto para o meio virtual, permitindo o aumento no número de vagas e, conseqüentemente, a participação de meninas de todo o país. As palestras passaram então a ser gravadas e disponibilizadas no site do projeto, e, para acontecer uma maior proximidade entre as palestrantes e as meninas, foram agendadas rodas de conversa em que as estudantes poderiam participar sincronicamente, realizando perguntas e dialogando com as cientistas.

Em 2021, o curso ocorreu exclusivamente on-line, assim como na edição anterior. Contudo, ao pensar o objetivo principal do curso e a importância do professor e sua formação profissional na “manutenção, aumento ou diminuição das disparidades de gênero na Educação Científica, bem como às investigações de soluções para esse problema” (Sachs et al., 2021, p. 3), foi preparado, também, o curso de Formação para professores Menina Ciência – Ciência Menina, direcionado para docentes das áreas das Ciências Naturais que estivessem lecionando nos Anos Finais do Ensino Fundamental das redes pública e privada.

Desse modo, o objetivo era contribuir para que discussões sobre as mulheres nas Ciências pudessem ser incorporadas, de forma reflexiva, à prática docente dos participantes. Para se inscrever no curso, os professores precisavam ter disponibilidade de 30 horas, acesso à internet e *e-mail Google*, além de possuir conhecimentos em plataformas digitais, tais como o *Google Classroom* e o *Google Meet*. Foram ofertadas 50 vagas para esses profissionais, que foram distribuídas da seguinte forma:

**Quadro 1**

Distribuição das vagas ofertadas para professores e professoras atuantes em redes públicas e privadas de Educação Básica.

	<b>Professoras (gênero feminino)</b>	<b>Professores (gênero masculino)</b>
Número de vagas destinadas para professores atuantes em redes públicas de Educação Básica.	30 vagas	5 vagas
Número de vagas destinadas para professores atuantes em redes privadas de Educação Básica.	12 vagas	3 vagas

Fonte: autoria própria.

Assim, em 2021, o MCCM foi implementado com duas vertentes: uma voltada para meninas matriculadas nos Anos Finais do Ensino Fundamental da Educação Básica; e outra para professores de Ciências. Tanto o curso direcionado para meninas quanto o voltado para professores ocorreram concomitantemente. Desse modo, além dos tópicos para os docentes, os professores também tinham acesso aos materiais (os roteiros e as palestras) disponibilizados para as meninas, e participavam das rodas de conversa, de forma síncrona, junto com elas. Toda essa vivência se justifica pela necessidade de o professor entender os questionamentos das estudantes, como podem ser motivadas diante de cientistas mulheres, e como é importante que se sintam estimuladas e representadas no contexto científico.

Diante do exposto, a presente pesquisa partiu da problemática relacionada à pouca ou à ausência de abordagens sobre mulheres cientistas na formação inicial e continuada de professores de Ciências e seus impactos na prática docente. Tal indicador pode contribuir com a desigualdade de gênero no ensino de Ciências ao reforçar estereótipos, já que os professores, sem formação direcionada para a temática, não possuem preparação para lidar com esse tipo de situação em sala de aula (Heerdt & Batista, 2016).

Por conseguinte, tem como objetivo compreender as perspectivas dos sujeitos que participaram do curso de Formação para professores Menina Ciência – Ciência Menina (MCCM) em 2021 no que tange à prática docente e ao incentivo à inserção de mulheres na Ciência.

## **| Metodologia**

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa (Moreira, 2002), visando compreender as perspectivas dos cursistas após a participação no curso de Formação para professores Menina Ciência – Ciência Menina, realizado pela UFABC. Embora o curso tenha disponibilizado 50 vagas para professores das áreas das Ciências Naturais que atuavam nos Anos Finais do Ensino Fundamental, apenas 24 cursistas concluíram o curso (ou seja, atingiram 70% da carga horária exigida para a obtenção do certificado de participação, incluindo o envio da atividade final do curso, que foi a elaboração de um relato reflexivo). Em relação ao perfil dos sujeitos, 23 deles se identificavam como sendo do gênero feminino e apenas 1 do gênero masculino, com idades variando entre 23 a 45 anos. Visando garantir a privacidade dos sujeitos, serão identificados neste trabalho pela inicial da profissão “professor”, seguida do número correspondente à ordem de recebimento dos relatos, idade e à área de atuação (EX.: P01, idade, área).

Em relação aos recursos disponibilizados pelo curso de formação, os professores tinham acesso aos roteiros de atividades práticas elaborados pela comissão organizadora do curso, cujos materiais utilizados eram de fácil acesso. Além disso, também tinham acesso, semanalmente, a três ou quatro palestras ministradas por cientistas mulheres das mais diversas áreas (Biologia, Física, Química, Matemática, Astronomia, Astrobiologia, Computação, Espeleologia, Epidemiologia, Oceanografia, paleontologia, entre outras) e que atuam no Brasil e no exterior, como na Universidade de Iowa, nos Estados Unidos da América (EUA). Tanto os roteiros quanto as palestras eram disponibilizados no site do MCCM.

Como atividades do curso, os professores participaram de rodas de conversas síncronas, via *Google Meet*, sempre aos sábados, com as cientistas palestrantes de cada semana; roda de relatos de experiência (encerramento do projeto) com todas as professoras e professores participantes; da elaboração de um relatório reflexivo (sobre sua atuação e desenvolvimento profissional ao longo do projeto); e de discussões no *Google Classroom*. As atividades da semana eram apresentadas aos professores, destacando a importância de explorarem os materiais do curso (roteiros, palestras e discussões) de forma crítica e reflexiva, para que pudessem adaptá-los à sua realidade escolar. Por isso, como atividade final, foi solicitada a elaboração de um relato reflexivo, no qual os sujeitos correlacionaram as vivências no curso com suas práticas docentes. Tal atividade foi usada como dados para a elaboração do presente trabalho.

Desse modo, os dados foram coletados por meio de uma turma no *Google Classroom*, no tópico “atividades”, local onde cada sujeito enviou o seu relato reflexivo, no formato PDF. O relato reflexivo consistia em um texto dissertativo. Para orientar os cursistas na elaboração dessa atividade, foi disponibilizado um roteiro estrutural com 4 eixos que deveriam, obrigatoriamente, ser percorridos/destacados durante a escrita do relato:

**Quadro 2**

Eixos presentes na estrutura do relato reflexivo:

Eixo 1 – Palestras, rodas de conversa e interações	Os sujeitos apontaram quais temáticas e abordagens trazidas pelas pesquisadoras consideraram mais interessantes e relevantes para o enriquecimento de sua prática docente, e como os momentos formativos – fóruns, roda de conversa, <i>padlet</i> – contribuíram para a troca de conhecimentos entre eles.
Eixo 2 – Intervenção no contexto escolar	Neste eixo, os cursistas relataram se foi possível desenvolver alguma intervenção nas escolas onde atuam, ou se tinham pretensão de desenvolver algo relacionado ao tema “mulheres nas Ciências” em suas aulas.
Eixo 3 – Reflexão sobre a prática docente e autoavaliação	Uma reflexão sobre a própria prática docente no que diz respeito ao Ensino de Ciências e à promoção da curiosidade dos seus estudantes, principalmente das meninas, e uma autoavaliação sobre a participação no curso.
Eixo 4 – Avaliação do curso	Onde deveriam destacar sugestões, críticas e comentários.

Fonte: autoria própria.

Diante do exposto, e atentando-se aos objetivos que norteiam esta pesquisa, os dados aqui analisados foram apenas os eixos 1, 2 e 3 presentes em cada um dos 24 relatos reflexivos.

Por fim, para a análise dos dados, recorreu-se à técnica de Análise Textual Discursiva (ATD) vista por Moraes e Galiuzzi (2011), com o objetivo de atribuir significados para os relatos desenvolvidos pelos professores. De posse dos dados, seguiu-se para a desmontagem ou unitarização dos textos. Após as leituras e releituras, estabeleceram-se as relações entre eles, nas quais as categorias foram definidas. E, por fim, as descrições e interpretações foram construídas.

## **Resultados e discussão**

Após a análise dos dados, emergiram duas categorias: 1) Formação continuada e mulheres na Ciência: contribuições do curso de Formação para professores Menina Ciência – Ciência – Menina na prática docente; 2) Implicações do curso Menina Ciência – Ciência Menina para as estudantes participantes, sob a ótica dos professores.

A primeira categoria analisada (formação continuada e mulheres na Ciência: contribuições do curso de Formação para Professores Menina Ciência – Ciência Menina na prática docente) sinaliza o processo de identificação com o curso e as contribuições deste para a formação continuada dos sujeitos. O formato de realização do curso, com discussões por meio de fóruns e participação nas rodas de conversa, ampliou a possibilidade de escuta das experiências destes profissionais, dando amplitude às práticas docentes dos participantes, criando um ambiente de troca e aprendizado.

Nesse sentido, buscou-se refletir sobre a prática docente dos professores de Ciências, com o intuito de aproximar meninas do âmbito científico e instigar esses profissionais a desenvolverem práticas que permitam e promovam essa aproximação dentro e fora da escola. De modo a atender às demandas da sociedade, esses espaços devem contribuir para a formação de estudantes conscientes e críticos frente aos papéis que desempenham na sociedade. Decorrem dessa e de outras necessidades a importância da formação continuada dos professores de Ciências, que os habilite para a construção de uma sociedade mais igualitária.

A consciência diante da busca por aperfeiçoamento sobre temas e conteúdos mais específicos, que não foram alcançados na graduação ou em outros momentos de formação continuada, foi percebida pelos participantes, como expressa o relato de P03 (32 anos, professora de Ciências e Biologia):

Vejo que a participação no curso propiciou maior repertório com base para o ensino de Ciências, como pedagoga, educadora especial e pesquisadora na área de neuroeducação, o contato com diferentes áreas da Ciência na graduação é uma rasa introdução, depende da busca de formações continuadas, trocas de experiências e pesquisa.

Esse relato acende a ideia de que existe uma discrepância no que tange às questões de gênero e educação no Brasil: se, por um lado, houve um crescimento nos investimentos em políticas educacionais e das pesquisas sobre essa temática, por outro, é quase inexistente nos currículos de formação de professores e nas práticas curriculares (Sachs et al., 2021; Sígolo et al., 2021). Assim, como alternativa para amenizar essa realidade, as atividades desenvolvidas para as meninas, como apontado anteriormente, puderam também ser acompanhadas pelos professores participantes do curso de Formação para Professores MCCM, inclusive o acesso aos roteiros das atividades práticas. Além disso, é importante lembrar que havia palestras e rodas de conversa síncronas exclusivas para os professores participantes, das quais puderam participar ativamente.

Consequentemente, a expectativa era de que os professores pudessem inspirar-se nesse material para a elaboração de planos de aula, adaptando-os à sua prática docente. Neste sentido, P02 (59 anos, professora de Pedagogia e Biologia) diz que “durante o curso tentei aplicar algumas das ideias e conteúdos abordados em sala de aula; essas novas abordagens aumentaram ainda mais o interesse dos alunos pela disciplina”. Esse recorte mostra que as discussões levadas por P02 para sua prática docente contribuíram para “chamar” a atenção dos alunos. Coadunando com essa questão, P07 (30 anos, professora de Biologia) destaca que, ao abordar mulheres na Ciência durante as suas aulas, sentiu “uma proximidade de alguém que eu ‘conheço’, que fez o trabalho que estou me referindo. Alguns alunos se empolgam por isso, o que gera uma continuidade desse assunto fora do conteúdo predeterminado em aula” (P07, 30 anos, professora de Biologia).

Atualmente, muitos são os problemas que permeiam a qualidade da educação pública, com a necessidade permanente de modificações no sistema de ensino para que a qualidade do aprendizado seja, de fato, elevada. Contar com



profissionais qualificados é algo essencial para contribuir com essa melhoria. Deste jeito, quanto mais envolvidos, qualificados e dispostos a trazer para a sala de aula problemas que precisam ser discutidos entre os alunos, educando igualmente meninos e meninas, os professores serão capazes de produzir as mudanças necessárias no caminho que se constrói nas Ciências para a equidade.

O curso oportunizou troca de experiências entre práticas tradicionais e métodos democratizantes para a Ciência. É o que pontua P09 (29 anos, professor de Ciências): “As interações entre os professores foram muito importantes para conhecer a realidade a que cada um está sujeito. A troca de possibilidades e metodologias é um desafio, visto que o cotidiano acaba suprimindo discussões e interações no contexto escolar”. Num discurso convergente, P03 (32 anos, professora de Ciências e Biologia) evidencia que:

A experiência de participar do projeto Menina Ciência – Ciência Menina 2021 trouxe muitos enriquecimentos para a prática docente, tanto intracurricular, que podemos abordar dentro dos conteúdos curriculares, mas também como extracurricular, que vai para além do currículo. Por meio das palestras, rodas de conversa e interações, pude perceber a Ciência mais próxima do dia a dia e mais humana.

É fundamental que a formação ofereça possibilidades de práticas pedagógicas voltadas às questões das relações de gênero e da desigualdade social, com o estabelecimento do compromisso transformador das condições das mulheres frente ao fazer científico. Não considerar as “discriminações sociais na Ciência e na Educação Científica faz com que as/os docentes desconsiderem importantes elementos presentes nas particularidades e experiências das/os estudantes e que poderiam informar suas ações pedagógicas de docência, tornando-as mais efetivas e equitativas” (Sachs et al., 2021, p. 18). Assim, segundo Dias (2014, p. 2), é importante “sensibilizar os professores, enquanto formadores de opinião, para que evitem em suas práticas atitudes que reconstruam e reforcem modelos de ensino sexistas”.

Ao analisar a formação contínua de professores, Imbernón (2013) aponta ser necessário que novas perspectivas sejam desenvolvidas quanto à formação, que esta deve apoiar, criar e potencializar uma reflexão real dos sujeitos sobre sua prática docente nas instituições educacionais e em outras instituições, de modo que lhes permita examinar suas teorias implícitas, seus esquemas de funcionamento, suas atitudes etc., estabelecendo, de forma firme, um processo constante de autoavaliação do que se faz e por que se faz.

Esse processo de autoavaliação pode ser alcançado nas falas seguintes:

Considero necessária a reflexão constante do professor sobre sua prática educativa e o curso me trouxe reflexões sobre a minha prática e sobre meu processo contínuo de formação como professora e profissional da educação. Realmente, não estamos totalmente prontas após a conclusão da graduação. É certo que a graduação nos dá a bagagem teórica necessária para estarmos preparadas para lidar com o conteúdo, mas ser professora vai muito além disso. Ao longo da vida, nos preparamos e nos formamos continuamente. Seja na sala de aula, seja no cotidiano escolar, no “chão da escola”, através dos

cursos de formação como este, que possibilitam reflexões riquíssimas para complementar nossa formação. (P04, 30 anos, professora de Química)

Todo conhecimento adquirido se torna relevante quando colocado em prática ou quando nos leva a refletir sobre nossa própria prática docente. Ser professora não é uma tarefa fácil. Cada dia surge uma nova situação para conduzir e mediar, sem esquecer os princípios da equidade para disponibilizar mecanismos diferentes (se for o caso) para que todos tenham as possibilidades iguais de aprendizagem. (P13, 33 anos, professora de Física)

Essa reflexão constante e a autoavaliação da própria prática docente, que foram compartilhadas durante o curso de Formação para Professores MCCM (2021), resignificaram algumas das atuações e práticas que chegaram ao curso de forma engessada, com aulas monótonas, tradicionais, descontextualizadas, e com uma linguagem abstrata sobre os conceitos e aplicações de conteúdos no cotidiano dos estudantes. Faz-se necessário promover aulas mais próximas das realidades dos alunos, contextualizadas e com caráter interdisciplinar (Fernandes & Prestes, 2021; Vizzoto & Mackedanz, 2020), tais como apresentadas durante o MCCM, nas quais os alunos percebiam a aplicação prática do que aprenderam em sala de aula e possam aplicar no seu cotidiano. Para isso, é preciso que o professor reveja sua prática metodológica, esteja capacitado teoricamente quanto aos conteúdos e disposto a realizar essa aproximação com a Ciência.

Nessa conjuntura, P10 (25 anos, professora de Química) pontua que,

É necessário proporcionar aos professores oportunidades de formação continuada, promover seu desenvolvimento profissional e também intervir em suas reais condições de trabalho, levando à transição entre a realidade atual e o atendimento às determinações da Lei de Diretrizes e Bases (1996) no que se refere à formação profissional.

Houve, nos últimos anos, um crescente interesse entre os cursos de formação continuada, que trouxeram à baila das discussões a necessidade de envolver estudos sobre equidade de gênero no Ensino de Ciências. Entretanto, muitas dessas discussões têm caráter apenas teórico e descritivo, apontando as dificuldades inerentes ao ensino de Ciências quanto à equidade de gênero e à necessidade de superá-las, sem efetivamente apresentar práticas contundentes para tanto (Fontana et al., 2021). Nas palavras dessa professora, percebeu-se o que Libâneo (2006) já dizia quanto à formação profissional do professor, que implica uma contínua interpenetração entre teoria e prática, com a teoria vinculada aos problemas reais da experiência prática e a ação prática orientada teoricamente.

A realidade atravessada pelo curso de Formação para Professores MCCM (2021), de buscar romper com estigmas relacionados à imagem de mulheres cientistas, desde logo, ainda nas salas de aula do Ensino Fundamental, ficou perceptível nos relatos dos professores participantes, a exemplo de P11 (52 anos, professora de Biologia) e P09 (29 anos, professor de Ciências), respectivamente:

A partir desta formação, serei mais crítica em relação à participação das meninas, tentando humanizar a figura da Mulher Cientista. Vou aproveitar ao máximo cada momento vivido nesta formação, desde o “boa tarde” das

meninas até as discussões que foram muito válidas em todos os aspectos. (P11, 52 anos, professora de Biologia)

Foi possível refletir sobre sua prática docente, por meio das palestras sobre diversas áreas, entre Biologia, Astronomia, Química, Matemática, Física, Oceanografia, Educação e História da Ciência e Filosofia. Todavia, além de aprender sobre essas áreas, foi possível refletir sobre a importância da valorização da mulher na Ciência. (P09, 29 anos, professor de Ciências)

Esses relatos destacam a necessidade de o professor refletir sobre sua prática docente, ao mesmo tempo que enfatiza a visibilidade das mulheres na Ciência. Como resultado, puderam vivenciar métodos mais interessantes, aulas mais próximas do contexto dos estudantes, possibilitando o protagonismo de meninas e meninos em sala de aula, com o entendimento da importância da participação feminina na área científica, conforme, podemos evidenciar no depoimento a seguir:

Cada palavra, cada momento, desde a apresentação até a despedida, eu absorvi e aprendi com as pessoas que participaram. Tenho constatado uma mudança, ainda que pequena, no meu cotidiano, toda vez que encontro meus alunos, minha maneira de falar e, principalmente, de preparar uma aula para inserir um conteúdo. Penso no que poderia fazer diferente, como chamarei a atenção dos meus alunos, como conseguirei passar a mesma paixão que as pesquisadoras passaram em suas palestras. Foi muito importante para minha carreira renovar e dar um novo sentido. (P14, 34 anos, professora de Ciências)

É esse processo de autoavaliação e reflexão da própria prática que constrói um curso de formação continuada para professores. Segundo Nóvoa (2015), a formação não se constrói por acumulação de cursos, de conhecimentos ou de técnicas, mas sim de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas de (re)construção permanente de uma identidade pessoal.

A condição dos materiais didáticos, especialmente os livros, é um outro problema apontado pelos professores cursistas no que versa sobre a superação das dificuldades rumo à equidade de gênero dentro da sala de aula. Segundo P10 (25 anos, professora de Química):

A quebra de tabus, paradigmas e estereótipos sobre as personalidades que temos contato em filmes, desenhos, histórias e até mesmo em alguns materiais didáticos, colocando o/a cientista e esse universo majoritariamente masculino, em um papel inatingível, de homens, brancos, héteros, 'malucos', de jaleco e gênios. (P10, 25 anos, professora de Química)

Segundo Hendges e Santos (2022, p. 587), "se olharmos para os livros didáticos (LD), essa visão hegemônica da Ciência e Tecnologia como masculina também se confirma, na medida em que as representações de cientistas são frequentemente associadas ao homem". Nesse sentido, mantêm-se os padrões de meninos ativos e meninas passivas, tanto nos momentos de lazer quanto nos de estudo. As atividades domésticas, como o cuidado com o lar e a família, continuam sendo femininas, ficando o pai responsável pelo lazer e por prover o sustento da família. Os livros analisados por esses autores mantêm os estereótipos de homem e de mulher.

É necessário ao professor buscar, no processo formativo continuado, relações com temáticas com as quais não teve acesso durante sua formação inicial, ou mesmo o aperfeiçoamento quanto a esses temas, com o aguçar de práticas que possam exercer criticamente sua atividade, em especial no que diz respeito às transformações do cotidiano da escola e ao questionamento das desigualdades de gênero (Dias, 2014). No tocante aos estágios iniciais da formação docente, os futuros professores precisam ser instigados “de forma que sejam capazes de incentivar seus futuros estudantes a gostarem da Ciência e de ajudá-los a desenvolverem a consciência em torno da igualdade de gênero (Pena & Quadros, 2023, p. 342).

Nesse sentido, os cursos MCCM, tanto o direcionado para as meninas quanto o voltado para a Formação de professores, oferecem essas discussões e momentos reflexivos para que os professores possam rever suas práticas, de modo a contribuir com um processo de aprendizagem igualitário e motivador para os seus estudantes. P21 (30 anos, professora de Biologia) destaca que: “era encantador e inspirador ver como essas mulheres chegaram longe em sua profissão. Isso me incentiva a cada vez mais buscar formação adequada para meu crescimento pessoal e profissional, isso reflete diretamente no meu desempenho em sala de aula”.

No que tange à segunda categoria que emergiu na análise dos dados (as implicações do curso Menina Ciência – Ciência Menina para as estudantes participantes sob a ótica dos professores), percebeu-se, por meio dos relatos dos professores cursistas, que cursos como o MCCM possibilitam às estudantes o desenvolvimento de concepções e habilidades que contribuem para que possam ser protagonistas dentro de discussões pertinentes. Ou seja, tornam-se confiantes e autônomas no processo de aprendizagem. Dentro do contexto escolar, o protagonismo estudantil torna-se necessário, pois o estudante deixa de ser apenas ouvinte, e “contribui para reconstruir conhecimento, busca inovar a prática, participa ativamente em tudo” (Demo, 1998, p. 30).

Um dos objetivos do curso é exatamente humanizar o papel desempenhado pelas cientistas, servindo também como ferramenta de popularização e democratização da Ciência e representatividade das mulheres nas áreas *STEM*, que são as mais áspers para a construção das suas carreiras. Essa representatividade de mulheres no contexto científico e a participação direta das meninas na realização dos experimentos oportunizaram a percepção de situações importantes para o processo de ensino e aprendizagem, servindo aos professores como prática a ser replicada. Como relatado por P02 (59 anos, professora de Pedagogia e Biologia): “As discussões me fizeram pensar sobre a importância do protagonismo do aluno para a construção do próprio conhecimento. Desta forma, os experimentos investigativos são de suma importância para a construção do pensamento científico e do próprio conhecimento do aluno”. Logo, uma das principais funções dos professores é possibilitar esse protagonismo aos estudantes durante a construção do conhecimento, instigando-os a participar das aulas (Borges & Ustra, 2024).

Outro aspecto visto como positivo na perspectiva docente foi o fato de o curso MCCM (2021) colocar a Ciência de forma mais acessível, dentro da realidade das meninas. Segundo P17 (28 anos, professora de Biologia): “todas as palestras específicas de cada área foram muito enriquecedoras e trouxeram aprendizados, mostraram a aplicação da Ciência no cotidiano, como estes estudos funcionam e por que eles são necessários”.

Assim, os relatos destacam que viabilizar palestrantes mulheres, com abordagens acessíveis para a faixa etária das cursistas e roteiros de atividades práticas, que recorrem à materiais de fácil acesso, ou seja, que poderiam ser facilmente encontrados pelas meninas em suas casas, contribuíram para que pudessem enxergar a Ciência de uma forma mais prática, dentro dos seus cotidianos. Esse processo de compreender a Ciência como algo intrínseco ao nosso dia a dia facilita a compreensão de conteúdo científico. Para tanto, cabe ao professor buscar e propor metodologias que viabilizem essa compreensão (Oliveira et al., 2023).

O curso destaca que mesmo frente a dificuldades, preconceitos e desafios enfrentados pelas mulheres, elas resistem no fazer Ciência, pois “estavam ali, as cientistas, as mulheres, as mães e suas realidades, mostrando também o seu lado humano e pessoal. Por isso, mesmo diante de tantos obstáculos, especificamente quando se é mulher, vou poder incentivar os meus alunos a ser quem eles quiserem ser” (P15, 31 anos, professora de Física). Para P22 (36 anos, professora de Biologia), o curso MCCM (2021) “humanizou as cientistas, quando elas destacam as suas realidades para além da pesquisa científica e da Universidade, aproximando suas trajetórias profissionais e pessoais de uma realidade conhecida e possível para as cursistas”, ajudando as meninas a despertar um certo interesse pelas áreas trazidas pelas palestrantes.

As práticas educativas exercem um papel construtivo no enfrentamento a diferenças de gênero, preconceitos e desigualdade no âmbito escolar, que refletem diretamente em todas as esferas da sociedade (Sachs et al., 2021). Segundo Dias (2014), ao valorizar esses estereótipos e marcar essas diferenças dentro de sala de aula, o professor contribui para a construção de um espaço sem preconceito e de apoio à diversidade. Quanto à construção social, o conceito de gênero foi construído sob a dualidade do masculino e do feminino na dicotomia capaz/incapaz, sendo atingido pela crítica feminista na luta pela sua desconstrução. No contexto educacional, o sexo é tomado como elemento de entendimento de novas conjunturas que se pretendem simétricas, e o trabalho docente, nesse sentido, se faz imprescindível.

As implicações do curso para as cursistas, segundo a percepção dos professores, são amplas e possibilitam a abertura de discussões que estão em efervescência para a construção de modelos educacionais capazes de responder às necessidades da sociedade, rompendo com estigmas que limitem o desenvolvimento, desde a Ciência, a questões de gênero, através da representatividade de mulheres cientistas, como no curso MCCM 2021, voltado para meninas matriculadas nos Anos Finais do Ensino Fundamental.

## **| Considerações finais**

Os resultados apontam para reflexões de professores sobre a prática docente e a formação docente relacionados com questões atuais como a sub-representação das mulheres na Ciência e a prática docente. Tais reflexões surgiram diante das suas vivências no curso de Formação para Professores Menina Ciência – Ciência Menina (2021). Para os sujeitos, o curso MCCM permite que meninas em fase escolar tenham maior aproximação com a Ciência, além de contribuir para que possam ser multiplicadoras de questões experienciadas durante o curso, que podem contribuir para a construção de uma educação menos sexista no que tange à presença das mulheres na Ciência.

Os sujeitos participantes desta pesquisa destacaram a importância da formação docente para ajudá-los diante de questões emergentes, como a igualdade de gênero e a quebra de estereótipos sobre o fazer científico. Felizmente, propostas como o curso de Formação para Professores MCCM contribuem para que as lacunas existentes na formação inicial sejam diminuídas.

O curso de Formação para Professores MCCM viabilizou a ampliação de discussões acerca das mulheres na Ciência, por meio de reflexões sobre a prática docente, contribuindo para o compartilhamento de experiências exitosas, para o processo de ensino e aprendizagem, e à democratização e popularização da Ciência ainda no Ensino Fundamental. Assim, cabe ressaltar a necessidade de processos formativos que proporcionem um olhar atencioso e crítico diante da desigualdade de gênero no âmbito científico e favoreçam o desenvolvimento de saberes que envolvam a representatividade feminina na Ciência.

Portanto, as leituras e os dados apresentados nesta pesquisa corroboram a importância da formação docente, de forma reflexiva, e a necessidade de ampliar a visibilidade de mulheres na Ciência, para que possam ser referência na prática de professores da Educação Básica, contribuindo, assim, com a representatividade na Ciência e a promoção da igualdade de gênero no ensino de Ciências. Sabe-se, entretanto, que são necessárias políticas públicas educacionais que priorizem o ingresso, mas, principalmente, a permanência de mulheres na Ciência (Tassini et al., 2023).

Por fim, reafirmamos que ainda há um enorme campo de pesquisa a ser explorado e desenvolvido para contribuir com a divulgação de mulheres na Ciência, com a quebra de paradigmas na academia e na prática docente. E que apesar dos avanços, infelizmente, existe muito a se percorrer em direção à igualdade de gênero.

## Referências


- Balbé, A., Botelho, C., & Cabecinhas, R. (2023). Mulheres cientistas? A representação das mulheres na ciência nos livros didáticos de história em Portugal. *Cadernos Pagu*, (67).  
<http://doi.org/10.1590/18094449202300670011>
- Brasil. (2022). Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Pós-graduação brasileira tem maioria feminina.  
<https://www.gov.br/capes/pt-br/assuntos/noticias/pos-graduacao-brasileira-tem-maioria-feminina>
- Borges, J. R. A., & Ustra, S. R. V. (2024). Traçando rotas para o protagonismo estudantil nas aulas de Física do Ensino Médio. *Temas & Matizes*, 17(31), 800–820. <https://doi.org/10.48075/rtm.v17i31.31951>
- Demo, P. (1998). *Educar pela pesquisa* (4ª ed.). Autores Associados.
- Dias, A. F. (2014). *Representações Sociais de Gênero no Trabalho Docente: sentidos e significados atribuídos ao trabalho e a qualificação*. Edições UESB.
- Fernandes, F. C. R., & Prestes, A. (2021). Contextualização e interdisciplinaridade: revisando conceitos e aplicações no ensino de física e ciências. *Revista Univap*, 27(55). <https://doi.org/10.18066/revistaunivap.v27i55.2623>
- Ferreira, E. M., Teixeira, K. M. D., & Ferreira, M. A. M. (2022). Prevalência racial e de gênero no perfil de docentes no ensino superior. *Revista Katálysis*, 25(2), 303-315. <https://doi.org/10.1590/1982-0259.2022.e84603>
- Fontana, M., Proença, A., & Batista, I. (2021). Mulheres na Ciência: discussões de planos de aula elaborados por docentes em ciências biológicas. Anais do VII Conedu – Congresso Nacional de Educação, Campina Grande, Paraíba, Brasil. <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/81304>
- Heerd, B., & Batista, I. L. (2016). Questões de gênero e da natureza da ciência na formação docente. *Investigações em Ensino de Ciências*, 21(2), 30-51.  
<https://doi.org/10.22600/1518-8795.ienci2016v21n2p30>
- Hendges, A. P. B., & Santos, R. A. dos. (2022). Obstáculos epistemológicos em livros didáticos de Física: o gênero na Ciência-Tecnologia. *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*. 39(2), 584-611. <https://doi.org/10.5007/2175-7941.2022.e85678>
- Imbernón, F. (2013). *Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza*. Cortez.
- Leal, N. C., Zoccal, S. I. L., Saba, M., & Barros, C. R. dos S. (2017). A questão de gênero no contexto escolar. *Leopoldianum*, 43(121), 10-10.  
<https://doi.org/10.58422/releo2017.e758>
- Libâneo, J. C. (2006). *Didática*. Cortez editora.
- Lins, B. A., Machado, B. F., & Escoura, M. (2016). *Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola*. Reviravolta.
- Menina Ciência – Ciência Menina (MCCM). (2021). Curso de Formação Continuada para professores de Ciências. *Menina Ciência Ciência Menina*.  
<https://meninaciencia.eventos.ufabc.edu.br/edicao-2021/>
- Moraes, R., & Galiazzi, M. do C. (2011) *Análise textual discursiva*. 2ª ed. Unijuí.
- Moreira, M. A. (2002). *O método fenomenológico na pesquisa*. Pioneira Thomson.
- Noordenbos, G. (2002). Women in academies of sciences: From exclusion to exception. *Women's Studiens International Forum*. 25(1), 127-137.  
[https://doi.org/10.1016/S0277-5395\(02\)00215-7](https://doi.org/10.1016/S0277-5395(02)00215-7)
- Nóvoa, A. (2015). *Os professores e a sua formação*. Dom Quixote.
- Oliveira, R. Q. de S., Cantanhede, S. C. da S., Cantanhede, L. B., & Veloso, C. (2023). A divulgação científica no Ensino Fundamental: a ciência e a vida dos

- cientistas na visão de estudantes. *Revista De Ensino De Ciências E Matemática*, 14(1). <https://doi.org/10.26843/rencima.v14n1a04>
- Parent in Science. (2020). Sobre nós. *Parent in Science*.  
<https://www.parentinscience.com/sobre-o-parent-in-science>
- Pena, D. M. B., & Quadros, A. L. (2023). “- Professora... está me dando uma raiva!”: quando o sexism na Ciência é discutido em aulas de graduação. *Revista Insignare Scientia*, 6(1), 323-344. <https://doi.org/10.36661/2595-4520.2023v6n1.13180>
- Reeve, J. (2009). Why teachers adopt a controlling motivating style toward students and how they can become more autonomy supportive. *Educational Psychologist*, 44(3), 159–175. <https://doi.org/10.1080/00461520903028990>
- Sachs, J. P. D., Souza, D. C., & Batista, I. L. (2021). Abordagens de educação científica equitativa em gênero e perspectivas de formação docente. *REnCiMa*, 12(4), 1-25. <https://doi.org/10.26843/rencima.v12n4a21>
- Sedeño, E. P. (2001). La deseabilidad epistêmica de la equidad em ciência. Em V. F. Ruiz. *Las mujeres ante la ciencia del siglo XXI*. Instituto de Investigaciones Feministas, Complutense.
- Sígolo, V. M., Gava, T., & Unbehau, S. (2021). Equidade de gênero na educação e nas ciências: novos desafios no Brasil atual. *Cadernos Pagu*, (63), 1-16. <https://doi.org/10.1590/18094449202100630017>
- Tassini, S. C. V., Adami, L. N. G., Simionato, N. M., & Andersen, M., L. (2023). Descobrimo nossas cientistas: desafios da carreira. *Revista Brasileira De Pós-Graduação*, 18(especial), 1–29. <https://doi.org/10.21713/rbpg.v18iespecial.2022>
- Tatagiba, L. F., & Custódio, S. (2022). Cientistas brasileiras em movimento. *Cad. Saúde Pública* 2022; 38(7). <https://doi.org/10.1590/0102-311XPT083322>
- Tosi, L. (1998). Mulher e ciência: a Revolução Científica, a caça às bruxas e a ciência. *Cadernos Pagu*, (10), 369-97. [https://ieg.ufsc.br/storage/articles/October2020//Pagu/1998\(10\)/Tosi.pdf](https://ieg.ufsc.br/storage/articles/October2020//Pagu/1998(10)/Tosi.pdf)
- Vaz, M. A., Batista, C. R. G., & Rotta, J. C. G. (2021). Participação feminina nas ciências: contexto histórico e perspectivas atuais. *Revista Hipótese*, (7), 97-111. <https://doi.org/10.47519/eiaerh.v7.2021.ID49>
- Vizzoto, P. A., & Mackedanz, L. F. (2020). Alfabetização científica e a contextualização do conhecimento: um estudo da Física aplicada ao trânsito. *Revista Brasileira de Ensino de Física*, (42), 1-16. <http://doi.org/10.1590/1806-9126-RBEF-2019-0027>
- World Economic Forum (WEF). (2022). *Global Gender Gap Report*. <https://www.weforum.org/reports/global-gender-gap-report-2022/>

## **Sobre as autoras**

### **Ludmylla Ribeiro dos Santos**

Universidade Federal do ABC, Santo André, SP, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-7425-536X>

Mestre em Ensino e História das Ciências e da Matemática pela Universidade Federal do ABC – UFABC (2017). Doutoranda em Ensino e História das Ciências e da Matemática pela Universidade Federal do ABC. Membro do Grupo de Pesquisa em Inovação no Ensino de Ciências e na Formação de Professores, da Universidade Federal do ABC. E-mail: [ludmylla.ribeiro@ufabc.edu.br](mailto:ludmylla.ribeiro@ufabc.edu.br)



### **Débora de Cássia Gomes Cruz**


Universidade Federal do ABC, Santo André, SP, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-1942-8942>

Graduada em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Maranhão (2010). Mestranda em Ensino e História das Ciências e da Matemática – UFABC. Membro do Grupo de Pesquisa em Inovação no Ensino de Ciências e na Formação de Professores, da Universidade Federal do ABC. E-mail: [cassia.gomes@ufabc.edu.br](mailto:cassia.gomes@ufabc.edu.br)

### **Maria Inês Ribas Rodrigues**

Universidade Federal do ABC, Santo André, SP, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-9481-2880>

Doutora em Educação – Ensino de Ciências e Matemática pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (2006). Professora titular do Centro de Ciências Naturais e Humanas da Universidade Federal do ABC. Coordinadora do Grupo de Pesquisa em Inovação no Ensino de Ciências e na Formação de Professores, da Universidade Federal do ABC. E-mail: [mariaines.ribas@ufabc.edu.br](mailto:mariaines.ribas@ufabc.edu.br)

Primeira autora: Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Investigación, Metodología, Recursos, Validación, Visualización, Escrita – rascunho original, Escrita – revisión e edición. Segunda autora: Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Investigación, Metodología, Recursos, Validación, Visualización, Escrita – rascunho original, Escrita – revisión e edición. Tercera autora: Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Investigación, Metodología, Administração de projetos, Recursos, Supervisão, Validación, Visualización, Escrita – rascunho original, Escrita – revisión e edición.

## **Resumen**

Este artículo trata de la infrarrepresentación de las mujeres en la ciencia y de la importancia de la formación del profesorado para una práctica reflexiva que contribuya a la igualdad en el ámbito científico. Su *corpus* son 24 informes reflexivos de profesores de ciencias naturales que trabajan en los últimos cursos de primaria en escuelas primarias públicas y privadas de Brasil. Estos sujetos participaron en línea, en 2021, en el curso de formación de profesores *Menina Ciência – Ciência Menina*, organizado por la Universidad Federal del ABC, que abordó el tema de las mujeres científicas en el contexto escolar. El objetivo de esta investigación es destacar sus perspectivas sobre la práctica docente y la inclusión de las mujeres en la ciencia. Este estudio cualitativo analizó, desde la perspectiva del Análisis Textual del Discurso, 24 informes reflexivos producidos por las participantes del curso. Los resultados apuntan a la importancia de los procesos de formación y reflexión sobre la práctica docente para el desarrollo de una enseñanza de las ciencias más igualitaria.

**Palabras clave:** Las mujeres en la ciencia. Formación del profesorado. Práctica docente. Enseñanza de las ciencias.

**Abstract**

This article deals with the under-representation of women in the sciences and the importance of teacher training for a reflective practice that contributes to equality in the scientific sphere. Its *corpus* is 24 reflective reports by Natural Sciences teachers working in the final years of Primary Education in public and private schools in Brazil. These subjects took part online in 2021 in the *Menina Ciência – Ciência Menina* Teacher Training Course run by the Federal University of ABC, which discussed women scientists in the school context. The aim of this research is to highlight their perspectives on teaching practice and the inclusion of women in science. This qualitative study analyzed, from the perspective of Textual Discourse Analysis, 24 reflective reports prepared by the course participants. The results point to the importance of training processes and reflection on teaching practice for the development of more egalitarian science teaching.

**Keywords:** Women in science. Teacher training. Teaching practice. Science teaching.

**Linhas Críticas** | Periódico científico da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, Brasil  
ISSN eletrônico: 1981-0431 | ISSN: 1516-4896  
<http://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas>

**Referência completa (APA):** Santos, L. R. dos, Cruz, D. de C. G., & Rodrigues, M. I. R. (2024). Menina Ciência – Ciência Menina: Perspectivas docentes sobre mulheres na Ciência. *Linhas Críticas*, 30, e51733. <https://doi.org/10.26512/lc30202451733>

**Referência completa (ABNT):** SANTOS, L. R. dos; CRUZ, D. de C. G.; RODRIGUES, M. I. R. Menina Ciência – Ciência Menina: Perspectivas docentes sobre mulheres na Ciência. *Linhas Críticas*, 30, e517303, 2024. DOI: <https://doi.org/10.26512/lc30202451733>

**Link alternativo:** <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/51733>

Todas as informações e opiniões deste manuscrito são de responsabilidade exclusiva do(s) seu(s) autores, não representando, necessariamente, a opinião da revista Linhas Críticas, de seus editores, ou da Universidade de Brasília.

Os autores são os detentores dos direitos autorais deste manuscrito, com o direito de primeira publicação reservado à revista Linhas Críticas, que o distribui em acesso aberto sob os termos e condições da licença Creative Commons Attribution (CC BY 4.0): <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0>

